

Considerações sobre a análise da existência enquanto resposta à destruição da metafísica e ao esquecimento do Ser*

Telmir de Souza Soares**

Resumo:

O século XX considerou a metafísica como uma forma de investigação desprovida de valor, uma labor filosófico inútil. Em *Ser e tempo* e na preleção *Que é metafísica?* Heidegger trabalha com a ideia de que o problema fundamental da metafísica consiste em que esta foi compreendida de forma equivocada; após os cosmologistas privilegiou-se o *ente* em lugar do *Ser*. O caminho apontado para a superação deste problema consiste em compreender o Ser em meio à **existência** humana, ao *Dasein*. Com a analítica existencial Heidegger dá novo fôlego à investigação metafísica desvelando um novo horizonte para a problemática do Ser.

Palavras-chave: Metafísica; Ser; Dasein; Analítica existencial.

Não menos que em outras épocas da história, na contemporaneidade, a crítica à metafísica representou boa parte do labor dos mais diversos filósofos e correntes filosóficas. Entretanto, nesta época, mais que em qualquer outra, essa crítica assumiu o tônus de um verdadeiro canto fúnebre sobre as possibilidades da metafísica enquanto uma disciplina válida no âmbito da atividade filosófica. Para tal crítica parecia, então, ter chegado ao fim todas as pretensões da metafísica. Cabia aos remanescentes do labor filosófico, os filósofos pós-modernos, serem os coveiros de tão famoso defunto.

Cabe salientar que a morte da metafísica, anunciada com tanto alarido, mostrou-se nada mais nada menos que um trabalho que poderíamos classificar de descuidado daqueles que pretendiam eliminar a metafísica por decreto, ou pior, por textos de filosofia. Assim, após vários e vários artigos, miríades de livros em múltiplos tons e tomos, centenas de conferências, congressos e afins, e a despeito de um sem número de teorias e construções as mais interessantes e, por vezes, mirabolantes, eis, mesmo depois de tanto labor filosófico, e apesar de todos os *ais*, a metafísica rediviva como Fênix imortal.

Não vamos nos deter às críticas feitas à metafísica, nem tampouco nas várias formas do seu renascimento em meio às mais diversas escolas filosóficas na

* Artigo recebido em 30.12.2013, aprovado em 29.01.2014.

** Aluno do Programa de Doutorado Institucional em Filosofia da UFRN/UFPB/UFPE. Professor Adjunto I da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

contemporaneidade. Vamos nos deter, em especial, na obra de Heidegger e na sua peculiar forma de filosofar que implicou numa das mais interessantes considerações sobre a metafísica na contemporaneidade. Abordaremos nesta investigação sua produção intelectual no período de 1920 a 1930, período que deu à luz textos como *Ser e tempo*, *Introdução à filosofia*, *Conceitos fundamentais de metafísica: mundo, finitude, solidão*, bem como a preleção de 1929 denominada *O que é metafísica?*

O presente "corte" ou "recorte" tem por base apresentar um primeiro momento da abordagem filosófica de Heidegger durante a qual ele busca mostrar que a metafísica foi compreendida e tratada, após os esforços dos filósofos cosmologistas, a partir da ideia da incognoscibilidade do Ser, o que levou ao seu esquecimento. Partindo do pressuposto de que o Ser é indizível, esta abordagem que se tornou dominante no ocidente deteve-se, efetivamente, no ente e não no Ser. Heidegger propõe compreender a metafísica em outros termos; nesse sentido, ele opera uma mutação do horizonte da metafísica tendo como foco a existência humana e, com isso, ele constitui seu pensamento filosófico como uma novidade no âmbito do pensamento contemporâneo. Tal é a abordagem que observamos mais precisamente nos textos escolhidos.

Já no início do primeiro capítulo de *Ser e tempo*, Heidegger declara: “Embora nosso tempo arrogue o progresso de afirmar novamente a ‘metafísica’, a questão aqui evocada caiu no esquecimento”¹. Essa obra fundamental considera não só a existência da retomada do interesse pela metafísica, mas aponta um problema neste retorno, um *esquecimento*. A obra de Heidegger vai tentar apontar esse problema na retomada da investigação metafísica, o problema consiste na permanência de uma banalização da questão que, ao invés de privilegiar o Ser, detém-se e permanece em meio aos entes.

Assim, a metafísica desde há muito se encontra em um descaminho sem jamais alcançar sua meta. Ele aponta que esse esvaziamento da questão do Ser se deu na própria Grécia. Tal movimento de negatividade irrompeu no âmbito da busca por uma definição do Ser que, ao ser pensado enquanto determinação face à relação entre gênero e diferença específica, considerou-se o Ser como o que, por ser mais universal, transcende a toda determinação, a toda definição:

No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser como lhe sanciona a falta. Pois se diz:

¹ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 27.

‘ser’ é o conceito mais universal e o mais vazio. Como tal resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível prescinde de definição.²

Assim, *Ser e tempo*, na sua parte introdutória já aponta para essa carência, ao mesmo tempo que aponta para os aspectos lógicos que a determinaram. Aliás, no categorial lógico, vai subsistir um tipo de racionalidade e de racionalização que tende a esvanecer aquilo que não cabe sob a égide dos princípios lógicos, algo que Heidegger vai retomar na preleção *O que é a metafísica*.

Tal acontecimento se constitui num paradoxo posto que, o primeiro pensador a postular o Ser enquanto condição necessária a todo conhecimento possível, Parmênides, vai se constituir naquele que teria preconizado os princípios norteadores da lógica. O pensado deve coincidir consigo (princípio de identidade), ao mesmo tempo em que possa ser reconhecido em sua identidade como algo diferenciado de outros seres (princípio de não-contradição). No processo de definição e de delimitação o caráter universal e necessário desses princípios. Entretanto, da relação entre a universalidade do Ser e a dificuldade de sua inserção em um gênero e em espécie resulta um impedimento lógico que, segundo Heidegger, resvala no obscurecimento da questão e no conseqüente esquecimento do ser:

“Ser” é o conceito “mais universal”: [...] A “universalidade” do “ser”, porém, não é a do gênero. “Ser” não delimita a região suprema do ente, pois se articula conceitualmente segundo gênero e espécie. [...] Quando se diz, portanto: “ser” é o conceito mais universal, isso não pode significar que o conceito de ser seja o mais claro e o que não necessite de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de “ser” é o mais obscuro.³

Heidegger aponta então que, a despeito das aparentes contradições entre a lógica e a investigação sobre o ser, a questão, posto sua suposta incoerência, não está resolvida, muito pelo contrário, encontra-se francamente aberta e esquecida. Entretanto como sair do impasse criado pelas contradições da lógica?

A *preleção de 1929* em específico tem como objetivo responder a uma questão fundamental, a saber, o que é a metafísica. Entretanto, de imediato, Heidegger modifica o foco da questão passando de uma perspectiva analítica, que é o que se espera de toda tentativa de conceituação de algo, para uma perspectiva analítica existencial. Essa

² Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 28.

³ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 29

passagem dá-se em função das peculiaridades do tipo próprio que é o de uma investigação metafísica.

Para Heidegger, quando alguém se propõe responder a uma questão o que se espera é que se vá direto à resposta. Entretanto, ele abre um novo horizonte de condições de possibilidade acerca de uma resposta possível ao mudar a questão e seu foco para um tema metafísico e não para a resposta à pergunta proposta, ou seja, sobre o que é a metafísica considerada em si e por si. Sua postura parte do princípio de que a metafísica implica numa totalidade, e que, portanto, uma questão metafísica conteria em si a resposta sobre o que é a metafísica. Ou seja, pode-se responder o que é a metafísica por meio de uma investigação no âmbito da metafísica. Toda questão metafísica desdobra-se no âmbito da própria especificação do conceito de metafísica.

Por outro lado, ele perscruta uma nova dimensão sobre a metafísica ao declarar que toda questão metafísica deve considerar aquele que pergunta no perguntado, no questionado. O *Dasein* ao perguntar se encontra implicado na pergunta e, além disso, na própria possibilidade de qualquer resposta. Assim, assumindo essa interessantíssima via de investigação, a de pensar a metafísica a partir da existência humana, Heidegger propõe um questionamento sobre o *nada*. Uma questão sobre o nada inscreve-se no seio da metafísica, apesar de mostrar-se uma investigação, aparentemente, paradoxal e infrutífera. Em sendo a metafísica um discurso sobre *algo que é*, o nada resiste como aquilo que *não é algo*. E assim, por meio dessa inusitada perspectiva para a inquirição, Heidegger pretende encontrar uma resposta satisfatória sobre o que é a metafísica.

Na preleção *O que é metafísica?* Heidegger aponta para os problemas de uma investigação sobre o nada a partir dos pressupostos analíticos calcados na lógica. Como a preleção tem por objeto uma inquirição sobre o nada, tendo em vista compreender o que seja a metafísica, toda vez que tento definir o nada, entro em contradição. Se pergunto: “o que é o nada? E, se em resposta digo “o nada é isto ou aquilo”, transformo o nada em um ente e caio em contradição. Somente do ente pode-se dizer que ele é isto ou não é isto. Dizer do nada que ele é ou não é algo consiste em identificá-lo com um ente ou, mais complicado ainda, entificá-lo considerando-o como um ente. Destarte, sob o primado da lógica não é possível abordar a questão do nada sem cair em aporia:

Mas é por acaso possível tocar no império da “lógica”? Não é o entendimento realmente o senhor nesta pergunta pelo nada? Efetivamente, é somente com seu auxílio que podemos

determinar o nada e colocá-lo como um problema, ainda que fosse como um problema que se devora a si mesmo.⁴

Entretanto, Heidegger se pergunta se, ao invés de ater-se a uma busca sobre o primado da lógica não seria possível uma outra forma de investigação: um buscar que fosse ao mesmo tempo um encontrar:

Onde procuramos o nada? Onde encontramos o nada? Para que algo encontremos não precisamos, por acaso, já saber que existe? Realmente! Primeiramente e o mais das vezes o homem somente então é capaz de buscar se antecipou a presença do que busca. Agora, porém, aquilo que se busca é o nada. Existe afinal um buscar sem aquela antecipação, um buscar ao qual pertence um puro encontrar?⁵

Tendo em vista a dificuldade da investigação sob o "império" da lógica Heidegger propõe um ponto de partida diferente para a investigação: a existência humana em seu ocupar-se, no seu existir. Ele propõe uma viravolta antropológica. Ao invés de partir dos entes e de suas determinações, devemos levar em consideração entre os entes o homem. Este possui um lugar diferenciado entre os entes por ser consciente de si e dos demais entes. Significa dizer que se algo pode ser dito sobre não importa qual ente, este algo só pode ser dito a partir de um dizer humano. O *Dasein* tem esta primazia que foi, até então, ignorada pela tradição filosófica. Assim, toda questão deve levar em conta o lugar privilegiado deste ente, o homem, em toda possibilidade de acessar o real.

Outro diferencial dessa abordagem consiste em considerar a existência para além de suas faculdade cognoscitivas (o *cogito*, as condições transcendentais do conhecimento, etc.) e de uma descrição analítica formal de cunho fisiológico-antropológico. Na acepção de Heidegger, significa tratar dos modos como o homem vive, da exterioridade do existir em meio aos seus sentimentos, às suas atividades, à vocação profissional assumida pelo *Dasein*, bem como o modo pelos quais ele exerce e executa suas escolhas. Estamos diante de um modo diferenciado de entender os entes a partir da especificidade da pergunta metafísica que implica o que interroga naquilo que é interrogado:

Quanto ao interrogado, a questão do ser exige que se conquiste e assegure previamente um modo adequado de acesso ao ente. Chamamos de "ente" muitas coisas e em sentidos

⁴ Heidegger, M. *O que é metafísica?*, p. 54.

⁵ Heidegger, M. *O que é metafísica?*, p. 54.

diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (*Vorhandenheit*), no teor e recurso, no valor e na validade, na pre-sença, no “há”. Em *qual* dos entes deve-se ler o sentido do ser? De que ente deve partir a saída para o ser? O ponto de partida é arbitrário ou será que um determinado ente possui a primazia na elaboração da questão do ser? Qual é este ente exemplar e em que sentido possui ele uma primazia?⁶

Heidegger aponta aqui para um novo horizonte para se pensar as questões sobre a metafísica, o Ser, o nada. Aliás, para sermos mais justos com o pensamento heideggeriano, encontramos em um novo sentido para a investigação filosófica em si mesma. Quando Heidegger aponta para o *locus* privilegiado do *Dasein* na compreensão do Ser, ele inova dentro da tradição filosófica ocidental que privilegiou ora o objeto, ora o sujeito da consciência, ora a linguagem como fundamentos para o conhecimento. Ou seja, para além de uma perspectiva objetivista, subjetivista ou lingüística, Heidegger aponta para as condições de possibilidade de todo dizer filosófico enquanto tal. E tal dizer só é possível por meio daquele ente que tem a palavra: o *Dasein* que, enquanto ente privilegiado tem uma posição de destaque em relação aos entes simplesmente lançados no mundo. Somente no *Dasein* existe a possibilidade da filosofia, da metafísica e do dizer o Ser.

Muito embora Heidegger tenha apontado em *Ser e tempo* que as questões sobre o Ser tenham obscurecido a partir da relação entre gênero e essência, existe um diferencial em Heidegger ao tratar da questão do ser na filosofia grega. Para ele os pré-socráticos, que deram impulso à questão do Ser, foram obscurecidos por Platão e Aristóteles. Para ele, estes dois pensadores se detiveram no ente e foram fundamentais para o esquecimento do Ser.

Podemos ver isso não só pela lógica, mas pelo referencial categórico assumido pela filosofia aristotélica. Aristóteles diz que o Ser pode ser dito de várias maneiras. Uma delas diz respeito ao conceito de substância, que faz parte do elenco das categorias. As categorias têm por objetivo classificar e analisar dez tipos de predicados ou gêneros do Ser. Entretanto, ao pensarmos sobre as categorias, teríamos, na verdade, não o Ser, mas os entes propriamente ditos.

As categorias nos aprontam para a substância, a quantidade, a qualidade, a relação, o lugar, o tempo, o estado, o hábito, a ação, a paixão, ou seja, as condições, os

⁶ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 32.

elementos a serem considerados como determinantes do que é o ente, de como este se apresenta. Tais categorias não se destinam propriamente a um conhecimento do Ser. Tal perspectiva se coaduna com a posição antiga de caráter objetivista sobre o conhecimento que torna o homem um ser passivo ao contemplar as propriedades dos entes ao seu redor.

Da passagem de Platão para Aristóteles nos encontraríamos no plano da imanência e não mais que isso. Em oposição a esta postura limítrofe que se tornou o *motus* próprio da metafísica no ocidente, a qual poderíamos considerar como um pseudo-ontologia do aparentemente dado, da presença do ente, encontramos em Heidegger uma abordagem totalmente nova em pelo menos dois sentidos: no lugar privilegiado dado ao *Dasein* enquanto aquele que pode dizer algo sobre o Ser, e da valorização das tonalidades afetivas enquanto pressupostos da compreensão do Ser.

Caso a questão do ser deva ser colocada explicitamente e desdobrada em toda a transparência de si mesma, sua elaboração exige, de acordo com as explicitações feitas até aqui, a explicação da maneira de visualizar o ser, de compreender e apreender conceitualmente o sentido, a preparação da possibilidade de uma escolha correta do ente exemplar, a elaboração do modo genuíno de acesso a esse ente. Ora, visualizar, compreender, escolher, aceder a são atitudes constitutivas do questionamento e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, daquele ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – o que questiona – em seu ser. Como modo de *ser* de um ente, o questionamento dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela questiona – pelo ser. Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo *pre-sença*. A colocação explícita e transparente da questão sobre o sentido do ser requer uma explicação prévia e adequada de um ente (*pre-sença*) no tocante a seu ser.⁷

A proposta de Heidegger se configura como uma crítica ao fazer filosófico e metafísico que se prende ao *ente* e o confunde com o *Ser*. Por outro lado representa uma resposta a esse problema pois, através dos *existenciais*, por oposição às *categorias*, ele supera os limites impostos pela estrutura meramente analítica. Surge um horizonte ampliando que nos é dado a partir dos elementos constitutivos da existência humana, do *Dasein*. A *analítica existencial*, que pretende superar uma *analítica categorial*, representa assim uma resposta de Heidegger aos limites categoriais que se detém no *ente* em detrimento do *Ser*.

A *pre-sença* sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma. [...] A questão da existência sempre só

⁷ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 33.

poderá ser esclarecida pelo próprio existir. A compreensão de si mesma que *assim* se perfaz, nós a chamamos de *existenciária*. A questão da existência é um assunto “ôntico” da pre-sença. Para isso não é necessária a transparência teórica da estrutura ontológica da existência. O questionamento dessa estrutura pretende desdobrar e discutir o que constitui a existência. Chamamos de *existencialidade* o conjunto dessas estruturas. A análise da existencialidade não possui o caráter de uma compreensão existenciária e sim de uma compreensão *existencial*. A tarefa de uma analítica existencial da pre-sença já se acha prelineada em sua possibilidade e necessidade na constituição ôntica da pre-sença.⁸

Em sua crítica ao fazer filosófico Heidegger dá, ainda, proeminência aos estados afetivos, ao que poderíamos chamar de emoções e sentimentos, algo que sempre foi relegado ao plano do *alogon*, do *alogikon*, do destituído de razão, de *logos*, de possibilidade de conhecimento. Tal dicotomia entre razão e sentimento se origina na filosofia grega e assume os mais diferentes espectros no vários momentos em que a filosofia constrói a sua história. Em Heidegger temos uma valorização desses estados afetivos, que também foram *esquecidos*, em uma perspectiva de *desvelamento* do Ser.

Essa existência, o *Dasein*, é perpassado por vários tons afetivos que possibilitam uma relação diferenciada com a própria existência e com o mundo, ou seja, com os entes em geral. O sentimento não é algo que deva ser desconsiderado, pelo contrário, esses sentimentos nos permitem acessar a realidade em outra perspectiva. Acerca disso nos diz Heidegger: *O que assim chamamos “sentimento” não é um fenômeno secundário de nosso comportamento pensante e volitivo, nem um simples impulso causador dele nem um estado atual com o qual nos temos que haver de uma ou outra maneira.*⁹

Tal perspectiva revela e desvela situações em que nos encontramos diante de algo olvidado, esquecido, mas que se apresenta como fundamental na existência e para o conhecimento humano de si mesmo e do mundo. Essas disposições de humor, que Heidegger vai denominar em outros contextos de *tonalidades afetivas*, nos colocam diante do ente e, por seu turno, nos possibilitam uma apreensão, um *encontro* com o nada:

Contudo, precisamente quando as disposições de humor nos levam, deste modo, diante do ente em sua totalidade, ocultam-nos o nada que buscamos. Muito menos seremos agora de opinião de que a negação do ente em sua totalidade, manifesta na disposição de humor, nos ponha diante do nada. Tal somente poderia acontecer, com a adequada originariedade,

⁸ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 39.

⁹ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 56.

numa disposição de humor que revele o nada, de acordo com seu próprio sentido revelador.¹⁰

Na tradição ocidental o conhecimento da realidade e da metafísica sempre esteve ligado aos princípios da razão. Heidegger postula um acesso diferenciado por meio das tonalidades afetivas. São as disposições de humor que nos possibilitam um conhecimento metafísico. Podemos vislumbrar essa nova perspectiva quando consideramos os sentimentos em sua dimensão fundamental na constituição do conhecimento metafísico. Heidegger aponta a angústia como o sentimento fundamental que nos coloca diante do nada. Dessa forma ele nos diz como encontrar o nada, ao mesmo tempo em que dá uma resposta às aporias levantadas por uma investigação sob o reinado da lógica e das categorias:

O nada se revela na angústia – mas não enquanto ente, Tampouco nos é dado como objeto. A angústia não é uma apreensão do nada. Entretanto, o nada se torna manifesto por ela e nela, ainda que não da maneira como se o nada se mostrasse separado, “ao lado” do ente, em sua totalidade, o qual caiu na estranheza. Muito antes, e isto já dissemos: na angústia deparamos com o nada juntamente com o ente em sua totalidade.¹¹

Diferente da abordagem clássica centrada nas determinações e delimitações impostas pelo juízo analítico, temos na analítica existencial um *encontrar*, um *manifestar*, um *aparecer*, um *mostrar-ser* de estruturas que se dão em meio à compreensão da existência do Dasein. Tais modos de manifestação ultrapassam os limites colocados pela lógica e nos dão um acesso diferenciado à realidade. Da compreensão da existência podemos depreender aspectos inauditos do conhecimento e da metafísica que até então tinham sido apartados pela estrutura clássica do conhecimento.

No âmbito da pergunta metafísica proposta na preleção de 1929 Heidegger empreende uma análise de um determinado tipo de existência e, como ele mesmo indica em *Ser e tempo: Chamamos existência ao próprio ser com o qual a pre-sença pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se comporta de alguma maneira.*¹², Na preleção ele se detém na análise da existência acadêmica e, mais especificamente, aquela que é constituída por estudantes, professores e pesquisadores. Ele pretende responder à pergunta sobre o nada tomando, exemplarmente, o viés da

¹⁰ Heidegger, Martin. *O que é metafísica?*, p. 56.

¹¹ Heidegger, Martin. *O que é metafísica?*, p. 57

¹² Heidegger, Martin. *Ser e tempo*, p. 39.

análise da existência humana, da vida de profissionais cujo trabalho e cuja existência consiste justamente na eliminação e na exclusão do nada. Tal possibilidade analítica, a partir da ciência e do seu fazer em meio à existência humana, já havia sido pressuposta em *Ser e tempo*:

Em geral, pode-se definir a ciência como o todo de um conjunto de fundamentação de sentenças verdadeiras. Essa definição não é completa nem alcança o sentido da ciência. Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem). Nós o designamos como o termo pre-sença. A pesquisa científica não é o único modo de ser possível desse ente e nem sequer o mais próximo.¹³

Muitos são os que pensam a ciência em sua profunda *ipseidade*, em sua extrema *alteridade* em relação à metafísica, em sua *neutralidade* absoluta. Partindo da analítica existencial Heidegger apresenta outros aspectos inesperados da ciência. De modo geral ela é, na verdade, uma tentativa de execução do projeto da metafísica. Poderíamos dizer que a ciência é o *paroxismo* da metafísica, a metafísica levada ao seu extremo, não existindo assim uma diferença tão demarcada e acentuada como se quer no meio científico. E, como nos diz Heidegger, a ciência, como a metafísica, se detém no ente:

As ciências são modos de ser da pre-sença nos quais ela também se comporta com entes que ela mesma não precisa ser. Pertence essencialmente à pre-sença ser em um mundo. Assim, a compreensão do ser, própria da pre-sença, inclui, de maneira igualmente originária, a compreensão de “mundo” e a compreensão do ser dos entes que se tornam acessíveis dentro do mundo.¹⁴

Um outro aspecto fundamental consiste em perceber que a ciência, que é feita por um ente específico, o homem, deve levar em conta a diferença existencial no modo como este ente faz a própria ciência. A diferença fundamental da abordagem de Heidegger consiste em compreender que este *Dasein*, o ente que faz ciência, filosofia e metafísica, deve ser considerado como ponto de partida de toda interrogação. Além disso, toda interrogação se dá em meio à sua existência, no seu modo de agir, de ser, nas suas escolhas e mesmo nas suas omissões. No seu fazer, no seu existir, o *Dasein* encontra-se diante de uma *abertura* que lhe permite desvelar o ser, o nada, a metafísica.

¹³ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 38.

¹⁴ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 40.

Na tarefa de interpretar o sentido do ser, a pre-sença não é apenas o ente a ser interrogado primeiro. É, sobretudo, o ente que, desde sempre, se relaciona e comporta com o que se questiona nessa questão. A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da pre-sença, a saber, da compreensão pré-ontológica do ser.¹⁵

Assim, ao nos voltarmos para a preleção de 1929, podemos encontrar nas considerações sobre o nada um momento desse novo fazer filosófico iniciado por Heidegger.

Uma análise da pre-sença constitui, portanto, o primeiro desafio no questionamento da questão do ser. Assim, torna-se premente o problema de como se deve alcançar e garantir a via de acesso à pre-sença. Negativamente: na construção da pre-sença, não se deve aplicar, de maneira dogmática, uma idéia qualquer de ser e de realidade por mais “evidente” que seja. Nem se deve impor à pre-sença “categorias” delineadas por aquela idéia. Ao contrário, as modalidades de acesso e interpretação devem ser escolhidas de modo que esse ente possa mostrar-se em si mesmo e por si mesmo. Elas têm de mostrar a pre-sença na cotidianidade mediana, como ela é antes de tudo e na maioria das vezes. Da cotidianidade, não se deve extrair estruturas ocasionais e acidentais, mas sim estruturas essenciais. Essenciais são as estruturas que se mantêm ontologicamente determinantes em todo o modo de ser de fato da pre-sença. Como referência à constituição fundamental da cotidianidade da pre-sença, poder-se-á, então, alcançar um esclarecimento preparatório do ser desse ente.¹⁶

A análise da existência se apresenta como uma via de acesso privilegiada para o Ser. Ela representa um sucedâneo ao *modus* investigativo que tem como pressuposto as exigências do primado da lógica. Baseada em estruturas essenciais da existência analítica existencial, tendo diante de si a presença, nos remete para o Ser, para o nada e para o próprio ente.

A análise da existência de cientistas, professores e estudantes nos permite compreender como o fazer desses na sua atividade acadêmica nos remete, ao mesmo tempo, a questões relativas ao nada. O nada está presente naquilo que estes profissionais rejeitam em seu fazer genuinamente científico:

[...] Se quisermos apoderar-nos expressadamente da existência científica, assim esclarecida, então devemos dizer:

Aquilo para onde se dirige a referência ao mundo é o próprio ente - e nada mais.

Aquilo de onde todo o comportamento recebe sua orientação é o próprio ente - e além dele nada.

Aquilo com que a discussão investigadora acontece na irrupção e o próprio ente - e além dele nada.

Mas o estranho é que precisamente, no modo com o cientista se assegura o que lhe é mais próprio, ele fala de outra coisa. Pesquisado deve ser apenas o ente e mais - nada; somente o ente e além dele - nada; unicamente o ente e além disso - nada.

Que acontece com este nada? É, por acaso, que espontaneamente falamos assim? É apenas um modo de falar - e mais nada?

¹⁵ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 40

¹⁶ Heidegger, M. *Ser e tempo*, p. 44

[...] O nada é justamente rejeitado pela ciência e abandonado como o elemento nadificante. E quando, assim, abandonamos o nada, não o admitimos precisamente então?¹⁷

A analítica existencial se detém na vida acadêmica. O direcionamento de pesquisadores, professores e estudantes para sua existência científica consiste na particular referência ao mundo. Essa referência tem como pretensão acessar o ente de forma privilegiada. Entretanto, algo ocorre nesse direcionar. O dirigir-se ao ente rejeita o nada ao mesmo tempo que o revela. Temos assim, pela análise da existência científica o desvelamento de elementos metafísicos. Esta perspectiva de acesso é fundamental pois, sem reconhecer o nada torna-se difícil reconhecer o próprio ente. Assim, como nos diz Heidegger:

Somente à base da originária revelação do nada pode o ser-aí do homem chegar ao ente e nele entrar. Na medida em que o ser-aí se refere, de acordo com sua essência, ao ente que ele próprio é, procede já sempre, como tal ser-aí, do nada revelado.

Ser-aí quer dizer: estar suspenso dentro do nada.

Suspendendo-se dentro do nada o ser-aí já sempre está além do ente em sua totalidade. Este estar além do ente designamos a transcendência. [...] se o ser-aí não estivesse suspenso previamente dentro do nada, ele jamais poderia entrar em relação com o ente e, portanto, também consigo mesmo.¹⁸

Enquanto questionado, o Ser exige, portanto, um modo próprio de *demonstração* que se distingue essencialmente da descoberta de um ente específico. O acesso ao Ser, pelo contrário, nos possibilita o acesso a *todos os entes*. Somente por meio do *Dasein*, e da analítica da existência essa via pode ser trilhada de modo genuíno. Eis as contribuições de Heidegger ao que seria a destruição da metafísica e o esquecimento do ser.

Enquanto a tradição filosófica apostou na morte da metafísica em função de suas contradições e dificuldades, Heidegger nos apresenta uma via diferente de acesso aos problemas metafísicos: a existência humana. Com esta abordagem Heidegger nos apresenta a metafísica de modo renovado, vívido e interessante. Ele resgata a metafísica de seu esquecimento apontando sua presença até na insuspeita atividade acadêmica de cientistas, professores e estudantes na sua referência ao mundo e aos objetos de pesquisa. Por outro lado ele nos mostra que os sentimentos, as tonalidades afetivas são elementos importantes para termos acesso às questões metafísicas. Temos um

¹⁷ Heidegger, M. *O que é metafísica?*, pp. 52-53.

¹⁸ Heidegger, M. *O que é metafísica?*, p. 58.

Heidegger um duplo resgate: o da metafísica em seu esquecimento do Ser, e dos sentimentos enquanto via de acesso privilegiada ao mundo e à metafísica. Assim, a análise existencial representa a resposta de Heidegger ao problema do esquecimento do Ser, ao mesmo tempo em que abre novas perspectivas para a filosofia de modo geral.

Des considérations sur l'analyse de l'existence en tant que réponse à destruction de la métaphysique et de l'oubli de l'Être.

Résumé:

Le vingtième siècle XX a vu la métaphysique comme une forme de recherche dépourvue de valeur, un travail philosophique inutile. Chez *Être et temps* et *Qu'est-que la métaphysique?* Heidegger travaille avec l'idée que le problème fondamental de la métaphysique est que cela a été compris à tort; après les philosophes cosmologistes nous nous sommes concentrés sur *l'étant* au lieu de *l'Être*. Le chemin proposé pour résoudre ce problème est de comprendre l'Être chez l'existence humaine, chez le *Dasein*. Avec l'analyse de l'existence Heidegger donne une nouvelle impulsion à la recherche métaphysique dévoilant un nouvel horizon pour le problème de l'Être.

Mots-Clés: Métaphysique; Être; Dasein; Analyse de l'existence.

Referência

Heidegger, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis : Vozes, 1988.

_____. O que é metafísica? In: Coleção Os Pensadores. São Paulo : Nova Cultural, 1999.

_____. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2003.